

Críticas à prioridade para Aids

GERALD WEISSMANN
Do N.Y. Times

Este verão, o número de pessoas que adquiriram a Síndrome da Deficiência Imunológica Adquirida (Aids) subiu para quase dois mil e a mortalidade se aproximou dos 50%. Ao lado do leito de Peter Justice, um paciente de 40 anos com Aids em Nova York, Margaret M. Heckler, a secretária de Serviços Humanos e de Saúde, assegurou à imprensa que pedirá ao Congresso uma verba de 40 milhões de dólares para a pesquisa relacionada à Aids no próximo ano — o dobro do pedido original. Ela conseguiu descobrir o dinheiro no fundo de suas vastas empresas: 22 milhões de dólares originalmente destinados a "novos móveis e construções" para o Fundo de Desenvolvimento Rural. E prometeu que as pesquisas sobre a Aids serão a "principal prioridade" do orçamento governamental no próximo ano.

Prevendo que a incidência da síndrome vai duplicar no próximo ano, o governo estará gastando dez mil dólares em pesquisas, para cada pessoa sofrendo de Aids — uma soma que, se gasta em proporções semelhantes em relação ao câncer ou às doenças cardíacas, estaria arruinando o orçamento federal. Por esta mesma linha de raciocínio, as pesquisas relativas à Doença de Alzheimer deveriam receber verbas de 20 bilhões por ano e a pesquisa da artrite deveria receber 320 bilhões de dólares.

Uma boa parte da reação aparentemente desproporcional de Margaret Heckler em relação à Aids pode ser atribuída aos profundos temores públicos de que esta doença se acabe disseminando além dos limites das populações atualmente afetadas. Mas o medo não é o melhor motivo para se apoiar um pedido de Margaret Heckler a respeito de mais dinheiro para as pesquisas desta doença. Uma boa parte dos 40 milhões de dólares sem dúvida alguma iriam para os laboratórios de imunologia básica e clínica que já descobriram os princípios da regulação imunológica. Suas pesquisas foram apoiadas por fundos destinados à luta contra a tuberculose, a artrite reumática e o câncer. Pesquisas a respeito de qualquer nova doença como a Aids utilizam e contribuem para um fundo comum de conhecimentos úteis.

Se o pedido da secretária Margaret Heckler é justificado, deveríamos acrescentar outro item ao orçamento: a hipertermia, ou seja, aquilo que a imprensa descreve como "morte relacionada ao calor". Ao passo que os pedidos referentes à pesquisa da Aids ocuparam as primeiras páginas durante este verão, outra epidemia foi documentada em pequenos textos publicados nas últimas páginas. Effie Albright, de 76 anos, de Woodson Terrace, Mo., foi encontrada morta pela polícia em seu aparta-

mento com as janelas fechadas. Joanne Smith, de 68 anos, de East St. Louis, morreu em sua casa no mesmo dia. Estas foram apenas duas de 29 mortes — entre 300 casos registrados — durante a semana de 15 a 22 de julho, no Sudeste e no Meio-Oeste do país. A hipertermia ocorre quando o corpo produz calor de forma mais rápida do que o pode dissipar. Os sistemas de dissipação de calor do corpo humano funcionam com menor velocidade nas pessoas mais idosas.

AR CONDICIONADO

As mortes por calor entre as pessoas mais idosas evidentemente são causadas por uma falta de aparelhos de ar condicionado, devido à pobreza. Pouco podemos fazer a respeito da idade e da pobreza a curto prazo, mas deveríamos ser capazes de comprar ar fresco. Poderíamos curar a hipertermia simplesmente fornecendo condicionadores de ar aos cidadãos de mais idade que são pobres demais para adquirir os seus próprios aparelhos. Quando comprado em grandes quantidades, um condicionador de ar em perfeitas condições não deveria custar mais que 350 dólares. Acrescente-se mais 50 dólares para os custos de eletricidade e o preço seria de meros 400 dólares.

A conta das pesquisas relacionadas com a Aids será de 40 milhões de dólares por ano. Caso não se consiga encontrar um tratamento eficiente durante, digamos, cinco anos, isto equivaleria a um total de 200 milhões de dólares de 1984 a 1989. Poderíamos instalar ar condicionado em 500 mil casas e pensões por este dinheiro. E se alguém perguntar de onde este dinheiro poderia ser conseguido, tenho certeza de que nos fundos do departamento de Margaret Heckler (ou também do Departamento de Defesa de Caspar W. Weinberger) seria possível encontrar as quantias necessárias.

Por que é que estamos tão dispostos a gastar milhões para conquistar uma nova doença, mas nos mostramos relutantes em implantar uma solução para uma doença que já existe há bem mais tempo? É mais do que provável que as nossas atitudes em relação à Aids estejam influenciadas por uma variedade de preocupações freudianas pela nossa identidade ou segurança sexual. Além disto, simplesmente não somos tão bons em cuidar das necessidades comuns dos outros e preferimos dar primazia à exploração de necessidades novas. Nós conseguimos dominar a pólio, mas não a pobreza, a tuberculose, mas não os roubos, a sífilis, mas não as favelas. De alguma forma, parecemos estar condenados a triunfos de habilidade biológica e a fracassos na administração social. Finalmente, são muitos os que estão na profissão da ciência médica que deixaram de ter quaisquer interesses pelos tediosos processos que promovem melhores condições sociais.